



“Educação como prática de Liberdade”:
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8906 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

O QUE ENTENDEM OS PROFESSORES POR FORMAÇÃO CULTURAL DOCENTE?

Monique Gewerc - PUC-Rio - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

O QUE ENTENDEM OS PROFESSORES POR FORMAÇÃO CULTURAL DOCENTE?

Resumo: Embora a expressão “formação cultural de professores” venha despertando maior interesse nas últimas duas décadas, não foram observadas na revisão de literatura realizada trabalhos que abordem a temática do ponto de vista dos professores. O trabalho aqui apresentado traz o recorte de uma pesquisa de doutorado sobre a contribuição dos museus de arte como locus de formação estética e cultural de professores. Com o suporte de autores que vêm tratando da temática, o conceito de formação cultural é abordado a partir de uma revisão teórica e da perspectiva dos professores. Um questionário online, que continha perguntas acerca do conceito e do grau de importância atribuído pelos docentes a uma formação cultural, foi aplicado a professores de educação infantil e ensino fundamental I do município do Rio de Janeiro. Os dados gerados demonstraram que a formação cultural é compreendida pelos professores como acesso aos equipamentos culturais e a manifestações da cultura erudita. Entretanto, também foi possível observar o surgimento de vozes dissonantes que associam uma formação cultural a uma formação sensível que transforma a subjetividade do sujeito e privilegia a diversidade e a alteridade.

Palavras-chave: Formação cultural de professores; cultura; experiência estética; professores de educação infantil.

A formação cultural de professores é tema que vem despertando o interesse de pesquisadores nos últimos vinte anos. Entretanto, a revisão de literatura aponta a ausência da voz dos próprios docentes no que tange à temática. Se pesquisas têm se debruçado sobre a expressão “formação cultural de professores”, buscando delimitar uma conceituação, destacar sua importância, sua necessidade e de que maneira essa se daria, pouco ou nada tem se perguntado aos próprios professores: o que entendem por formação cultural? Que importância lhe é atribuída? Consideram ter recebido uma formação cultural durante sua formação profissional?

O trabalho aqui apresentado traz um recorte da pesquisa de Doutorado em andamento que investiga a formação cultural e estética de professores dos anos iniciais da Educação Básica em museus de artes. Dentre os recursos metodológicos utilizados, um questionário online intitulado *Formação cultural de professores dos anos iniciais da Educação Básica: o que os museus do Rio de Janeiro oferecem* teve como intuito ouvir os professores dos anos

iniciais da Educação Básica.

É necessário destacar que inicialmente os professores seriam entrevistados presencialmente, mas a pandemia provocada pelo COVID 19 exigiu uma adaptação no processo de produção de dados. A utilização do questionário, no lugar de entrevistas, demandou uma adaptação de uma ferramenta de cunho quantitativo para a produção de dados qualitativos. Nesse sentido, dentre as 27 questões, 8 são abertas, em que os docentes puderam se expressar livremente sobre suas opiniões e experiências. O questionário possibilitou um quantitativo de sujeitos participantes bem mais expressivo do que seria possível com as entrevistas, obtendo 100 respostas geradas no período de 23/7/2020 a 20/10/2020.

Um primeiro bloco de perguntas versou sobre formação acadêmica e experiência profissional. O segundo bloco trata da relação entre os professores e os museus, e o terceiro bloco aborda o conceito de formação cultural e a importância que esses profissionais atribuem a este tipo de formação. Os dados gerados a partir do terceiro bloco de perguntas configuram-se como o recorte que este trabalho pretende abordar.

O tema da formação cultural de professores foi fundamentado na interlocução com diferentes teóricos: (PERISSÉ (2014); NOGUEIRA (2008; 2010); DALLA-ZEN (2017; 2018); KRAMER (1998); OSTETTO (2012; 2019); CARVALHO (2009)). Alguns conceitos foram fundantes e balizadores para o desenvolvimento da pesquisa: cultura, formação, experiência, estética e formação cultural.

Autores como Cuche (1999), Carvalho (2009) e Dalla Zen (2018) contribuíram para compreender a polissemia e a origem do termo cultura. Se atualmente a noção de cultura pode ser definida como um "conjunto de práticas (sociais, econômicas, políticas, religiosas, etc.) de uma coletividade particular ou de um grupo de indivíduos" (CUCHE, 1999, p. 13), o autor destaca que o surgimento da ideia moderna de cultura no século XVIII foi cenário de muitas controvérsias. Nesse sentido, Carvalho (2009, p.134) lembra que a cultura “não se caracteriza como noção atemporal, eterna, natural, mas ao contrário: é construção discursiva historicamente datada”). Dalla Zen (2018), apoiando-se em Bauman, observa que, dentre os três conceitos distintos de cultura apresentados pelo autor, o mais utilizado é o conceito hierárquico ou "universal", enraizado em nossos discursos para julgar quem tem ou não tem cultura. No sentido hierárquico do termo, só há espaço para uma cultura. Ao referir-se a esta visão de cultura, Da Matta (1981) afirma que tem sido utilizada como sinônimo de sofisticação, instrução, informação ou títulos acadêmicos em uma perspectiva classificatória. Conhecer a origem do termo cultura permite compreender por que o termo é polissêmico e alvo de disputas, tornando-se um suporte útil para a análise dos dados gerados pelo questionário aplicado .

A expressão “formação cultural” é atravessada pela polissemia dos termos nos trabalhos encontrados durante a revisão de literatura, algumas vezes denotando um volume de informações gerais, um conjunto de conteúdos do currículo escolar, o domínio de códigos da cultura legitimada ou tão somente possibilidades de fruição. A escolha dos bens culturais cujo direito de acesso deve ser democratizado também não é neutra. O senso comum associa a formação cultural ao progresso e à razão, pela aproximação de um conjunto de manifestações culturais considerado hierarquicamente superior. Situar o discurso sobre formação cultural tem por objetivo relativizar e adotar uma postura crítica sobre o que vem sendo proposto com vistas a não cair em mais um modismo educativo.

Entendemos formação cultural como o processo em que o indivíduo se conecta com o mundo da cultura, mundo esse entendido como um espaço de diferentes leituras e interpretações do real, concretizado nas artes (música, teatro, dança, artes visuais, cinema, entre outros) e na literatura (NOGUEIRA, 2010, p. 4).

Para a autora, em uma referência a Adorno, seria papel da formação cultural impor-se contra a hegemonia do gosto massificado provocado pela indústria cultural. Dalla Zen (2017) traz a perspectiva da formação cultural do professor na composição de seu ethos docente. A autora considera que a formação diz respeito a um processo permanente impulsionado por experiências com as artes, porém, ressalta a necessidade de que o sujeito se disponibilize e tenha abertura para ampliar seu repertório em um processo de criação de novas e diferentes formas de ser e estar no mundo.

Na aplicação do questionário, a importância de ter acesso a uma formação cultural durante a formação inicial e continuada foi destacada pelos professores: 95% dos professores consideram a formação cultural muito importante e 5% como parcialmente importante. Entretanto, as respostas abertas sobre como conceituavam formação cultural evidenciou uma multiplicidade de compreensões e um conceito vago e difuso. As repostas a esta questão trazem indícios do que os professores entendem por cultura. Se o senso comum atrelado à cultura de elite ainda prevalece, já é possível identificar vozes dissonantes que destacam o valor de toda manifestação cultural, inclusive a própria e dos alunos, “que saiam da rota eurocêntrica”, que privilegiam a diversidade para “aprimorar o senso crítico no ser humano” e a “capacidade de lidar com o diverso, com a cultura diversa e com as suas múltiplas linguagens” (Questionário professores – 2020).

Apesar do reconhecimento da importância de terem a cultura e as artes incluídas em sua formação inicial e continuada, 37% dos professores que responderam ao questionário consideram que não lhes foi oferecida uma formação que contemplasse essa abordagem. A resposta sobre quais experiências viveram durante a formação que privilegiasse a formação estética e cultural contribuiu para iluminar um pouco mais sobre o modo como compreendem o conceito de formação cultural. Na análise destas respostas também foi observada a mesma dificuldade em definir experiências estéticas ou com a cultura.

A proporção de professores que considera muito importante propiciar às crianças experiências estéticas e culturais é bastante semelhante à que foi obtida na pergunta que se referia aos próprios professores: 97% como muito importante e 3% como parcialmente importante. A análise das respostas evidenciou inicialmente duas categorias: (i) uma perspectiva de oferecer aquilo que os alunos não recebem em função da classe social a que pertencem, ou seja, algo que as crianças de classes abastadas recebem e que os alunos de escola pública não; (ii) respostas que justificam a importância das experiências estéticas e culturais de maneira mais ampla.

Em relação à primeira categoria, é inegável que as desigualdades sociais implicam em uma exclusão cultural. É compreensível que os professores queiram tomar para a escola, se não a responsabilidade, ao menos a oportunidade de facilitar o acesso dos alunos aos equipamentos culturais da cidade. Sem dúvida, é essencial atravessar os muros da escola para ampliar as possibilidades de aprendizagem, mas é preciso problematizar a que cultura se referem estes professores. Se é a cultura erudita apenas, corre-se o risco de reforçar a desvalorização de culturas diversas e as das próprias crianças. É igualmente perverso permitir que crianças de classe favorecidas economicamente cresçam considerando a cultura a que pertencem como a única válida e desconhecendo outras manifestações culturais que compõem o patrimônio da humanidade.

Um aspecto que a ser ressaltado nas respostas da segunda categoria - que justifica a importância das experiências estéticas e culturais de maneira mais ampla - é a ideia de que a cultura, a arte, as experiências fora do espaço escolar “ampliam”: olhar, horizontes, visão de mundo, conhecimento, repertório, relações, desejo.

Durante a revisão de literatura realizada para o desenvolvimento desta pesquisa,

foram identificados alguns projetos de extensão ou disciplinas eletivas em que a dimensão estética e cultural adquire protagonismo na formação docente (NOGUEIRA, 2008; LEITE E OSTETTO, 2012; GUEDES, 2015). Porém, Ostetto (2019) chama a atenção para a ausência da arte nas matrizes curriculares dos cursos de formação de professores e alerta que é necessário repensar propostas que retirem a arte e a cultura de seu lugar secundário, disciplinar e teórico e se promovam encontros que articulem a dimensão estética e a formação docente. Os dados obtidos, em diálogo com a fundamentação teórica que dá suporte à investigação, trazem ao debate as ações possíveis no sentido de revisitar políticas curriculares nos cursos de Pedagogia e de formação continuada.

Quando os bens culturais considerados necessários como parte da formação docente e dos alunos pertencem exclusivamente a um conjunto universalmente consagrado, todo o projeto de formação cultural naufraga. Ao pretender que haja apenas uma cultura universal, prevalece o modelo de dominação, de hierarquização excludente, de separatismo, de segregação. E aí, voltamos à questão inicial: o que é considerado cultura? Enquanto estivermos atrelados a um modelo iluminista, eurocentrista, não ultrapassaremos a barreira que nos afasta de nossa humanidade, uma vez que, ao não considerarmos que todos têm cultura e que podemos nos enriquecer com a cultura do outro (tradições, histórias, valores, manifestações artísticas), continuamos considerando que há algo que não merece espaço, não merece ser contado, não precisa ser vivido. Nesse cenário, a barbárie se fortalece.

Referências bibliográficas

CARVALHO, C. Cultura: conceitos aplicados a espaços culturais. **Revista Musas**, n. 4 - 2009, p. 132-147.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas Ciências Sociais**. Tradução de Viviane Ribeiro a partir da 1ª ed. Bauru: EDUSC, 1999.

DA MATTA, R. Você tem cultura? **Jornal da Embratel**, Rio de Janeiro, 1981.

DALLA ZEN, L. H. Cultura como “necessidade formativa docente” **Trama Interdisciplinar**, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 154-174, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/2177-5672/trama.v9n2p154-174>

_____. **O lugar das experiências culturais na constituição de um ethos docente**. Porto Alegre, 2017. 203p. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação - Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

GUEDES, A. O.; FERREIRA, M. D.; LAGE, L. L. Retratos do cotidiano: diálogos entre a formação docente e as práticas na educação infantil In: **39ª Reunião Nacional da ANPED GT07** (Educação de Crianças de 0 a 6 anos), Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://39.reuniao.anped.org.br/wp-content/uploads/sites/3/trabalhos/5583-TEXTO_PROPOSTA_COMPLETO.pdf Acesso em: fevereiro/2020.

GUEDES, A. O.; FERREIRA, M. D. Concepções de docência na educação infantil, arte e educação estética: percurso de investigações de um grupo de pesquisa. **Revista Poiesis** - Unisul, v.12, n. 21, p. 216-234, Jan./jun. 2018.

KRAMER, S. Produção Cultural e Educação: algumas reflexões críticas sobre educar com museu. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. F. P. (orgs.). **Infância e Produção Cultural**. Campinas, SP: Papyrus, 1998. p. 199-215.

NOGUEIRA, M. A. Formação cultural de professores. **Boletim Salto para o Futuro**. Ano

XX n. 07, Junho 2010.

_____. Experiências estéticas em sala de aula: possibilidades na formação cultural de futuros professores 31ª Reunião Nacional de Pós-Graduação em Educação (ANPED), 2008. Disponível em: <http://31reuniao.anped.org.br/1trabalho/GE01-4022--Res.pdf> Acesso em: 10 maio 2019.

OSTETTO, L. E.; CORRÊA, C. A. Sobre formação estética e docência: as professoras de educação infantil desejam mais arte! **Laplage em Revista**, vol.4, n. Especial, set.- dez. 2018, p.23-37.

OSTETTO, L. E. Esse in anima: formação docente em deslocamento. In: 39ª Reunião Nacional da ANPED. 2019, Rio de Janeiro - UFF. **Anais eletrônicos**. Disponível em: http://anais.anped.org.br/sites/default/files/gt07_trabalho_encomendado_formatado_39_rn_-_2_luciana_esmeralda_ostetto.pdf Acesso em: 19 fev. 2020.

OSTETTO, L.; LEITE, M. I. Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão 7ª edição – Campinas, SP: Papyrus, 2012

OSTETTO, L. E.; SILVA, G. D. de B. Arte na formação docente para a educação infantil: procura-se! **Revista Poiesis** Unisul, v.12, n. 21, p. 185-203, Jan./jun. 2018.

PERISSÉ, G. **Estética e educação**. 2ª edição - Belo Horizonte: Autêntica, 2014.